

Viver Ou Se Entregar – Histórias de Superação¹

Cecília Paes RIBEIRO²

Ana Livia TAVARES da Silva³

Marcelo Vicente Cancio SOARES⁴

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

O Projeto Experimental intitulado “Viver ou se Entregar – Histórias de Superação” teve como produto um videodocumentário que retrata a história de quatro mulheres que buscam superar diariamente dores e traumas causados por situações passadas em suas vidas. O trabalho surge da necessidade de demonstrar como pessoas que passam por situações traumáticas conseguem ultrapassar os obstáculos que surgem como consequência e transformá-los em algo que possa ajudar outras pessoas que passem pela mesma situação. O projeto busca incentivar e dar exemplos de superação dentro da realidade dos casos de Campo Grande (MS).

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Videodocumentário; Histórias; Trauma; Superação;

1 INTRODUÇÃO

O videodocumentário “Viver ou Se Entregar – Histórias de Superação”, Projeto Experimental desenvolvido para conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em 2014, buscou contar diferentes histórias de superação: pessoas que enfrentam diariamente a dor da perda de um ente querido, limitações físicas ou a dependência química, por exemplo. Problemas que poderiam “criar” vítimas da vida ou da sociedade, mas que, através de uma nova perspectiva, geraram exemplos de resignação, força de vontade e esperança. Assim, suas histórias, memórias e a maneira como lidam com suas dores se transformam em incentivo e motivação para outros.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, Modalidade Produção Laboratorial em Videojornalismo e Telejornalismo.

² Aluna líder, recém graduada no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), email: cihpaes@hotmail.com.

³ Recém graduada do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UFMS, email: analivia-tavares@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UFMS, doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). Email: marcelo.cancio@ufms.br.

Neste contexto, o jornalista tem por função servir como “ponte” entre grandes histórias e a sociedade, uma vez que a profissão permite o contato com diversas personalidades, culturas, crenças e situações que podem ser percebidas pelo profissional e transformadas em informação.

O vídeodocumentário, produto final deste projeto, aborda fatos reais e apresenta um tema em profundidade a partir da seleção de aspectos e representações auditivas e visuais.

2 OBJETIVO

O objetivo do trabalho consiste em gerar um vídeodocumentário a fim de promover a divulgação audiovisual de relatos feitos a partir das memórias e depoimentos de indivíduos sobre suas próprias histórias de superações e mudanças de vida que possam servir de exemplo e motivação para outras pessoas, tendo em vista o preceito de que o jornalismo busca personagens e histórias para serem contadas à sociedade, uma vez que compreende a figura do outro na construção da identidade dos sujeitos e o autoconhecimento por meio da troca de experiências.

3 JUSTIFICATIVA

“Ser repórter é bem mais do que simplesmente cultivar belas letras, se o profissional entender que sua tarefa não se limita a produzir notícias segundo alguma fórmula “científica”, mas é a arte de informar para transformar”. (KOTSCHO, 2004, p.8)

Diante do conceito exposto pelo jornalista e autor, nota-se a relevância social do tema do projeto, visto que a intenção principal é não somente relatar as vivências, mas transformar, através dos relatos, de alguma maneira, mesmo que subjetiva, o telespectador.

O projeto também coloca em evidência indivíduos anônimos, mas que têm algo a dizer, e que, por meio deste trabalho, ganham voz e se colocam na posição daquele que anuncia. Na atual circunstância, a vida muitas vezes nos expõe a situações difíceis e irreversíveis. Estresse, violência, desigualdade social, falta de tempo, dentre outros fatores que contribuem para que todos tenham problemas, havendo mudança no grau da dificuldade existente para superá-los.

Este é o diferencial do tema “superação”. O foco não se restringe a histórias de indivíduos que enfrentam problemas na vida, mas sim a forma como superaram ou ainda superam, a cada dia, seus problemas. O que os torna diferentes e singulares se comparados a outros indivíduos. E, se tratando do jornalismo, histórias diferentes, singulares ou que fogem do comum merecem destaque.

O tema superação tem sido bastante explorado em reportagens jornalísticas, pois além do cunho social as histórias emocionam e despertam o lado humano do jornalismo e do público. Sendo assim, este projeto servirá como mais um documento disponível para ampliar a informação sobre o tema, agora a respeito de casos locais e até então desconhecidos ou pouco conhecidos, e permitir o conhecimento dos alunos, professores e pessoas da sociedade de um modo geral.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

4.1 Documentário

O documentário é definido, de maneira geral, pela intenção de seu autor de produzir uma narrativa que se manifeste no contexto social por meio da percepção de sua obra pelo espectador. Vale destacar como parte da narrativa documentária de “Viver ou Se Entregar - Histórias de Superação” a presença de depoimentos, a utilização de imagens de arquivo e a tentativa de acompanhar o dia-a-dia de cada entrevistado.

Documentário também pode ser definido como o formato de produção audiovisual que mostra fatos reais ou não imaginários, abordando um tema ou um assunto em profundidade a partir da seleção de aspectos e de representações visuais.

Podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados. (RAMOS, 2008, p.22)

Ao se estudar bibliografias referentes a documentários, é nítida a problematização da relação entre cinema e narração, da qual surgiu o formato de não-ficção aqui trabalhado. Segundo Coelho (2011), os dois aspectos não podem coexistir harmoniosamente e um documentário não pode fugir totalmente da ficção, pois

qualquer objeto já é signo de outra coisa, já está preso a um imaginário social e oferece-se, então, como o suporte de uma pequena ficção (...). Ademais, a preocupação estética não está ausente do filme científico ou do documentário, e ela tende sempre a transformar o objeto bruto em estado de contemplação, em ‘visão’ que o aproxima mais do imaginário. (...) Finalmente, o filme científico e o filme documentário recorrem, muitas vezes, a procedimentos narrativos para “manter o interesse” (AUMONT apud COELHO, 2011, p.102)

Por consequência conclui-se que, baseado em Coelho (2011), “não se pode levar a afirmação do caráter ficcional do documentário tão longe como propôs Aumont”, mas é necessário que se considere a presença de elementos ficcionais, além de uma sintaxe narrativa cinematográfica, no produto a ser desenvolvido. O conteúdo precisa ser estudado e bem elaborado anteriormente.

O objeto de filmagem era submetido a uma interpretação, ou seja, uma desmontagem analítica daquilo que foi registrado, seguido de uma montagem cuja lógica central necessariamente escapava à observação instantânea e só poderia decorrer de um conjunto de detalhes habilmente sintetizados e articulados (DA-RIN apud Coelho, 2011, p.46)

4.2 A Memória Coletiva ou Social e a Informação

Da vontade de tornar-se, de certo modo, eterno, deixando marcas ou heranças, o homem passou a documentar e registrar (através da escrita, fotografia, filmagens) o que lhe interessava manter “vivo”.

Não há percepção que não esteja repleta de memórias, entendendo a percepção como o resultado de uma interação do ambiente com o sistema nervoso. Essa é a perspectiva do filósofo que aprofundou os estudos psicossociais na década de 50, Henri Bergson.

Em termos de memória, destaca-se, em geral, a memória-hábito, que, conforme Bosi, (2003, p.52) é vista como: “repetição do mesmo esforço, adestramento cultural”. Aquelas lembranças socializadas, que já possuem valores consolidados, repetidos, e que,

por isso, já transitam naturalmente do presente para o passado ou para o futuro, diminuindo a capacidade narrativa criativa.

De acordo com Gondar e Dodebei (2005, p. 15) a memória social, “como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente”, o que tornou ainda mais difícil a procura por um conteúdo na área de jornalismo sobre o assunto que pudesse nortear o trabalho a ser feito, tornando necessária a pesquisa em outros campos.

Mas a verdade encontrada durante as pesquisas mostrou que uma recordação ou um documento que chega até alguém já chega filtrado por uma vontade, por um interesse. As lembranças individuais ou coletivas, pessoais ou históricas, serão sempre seletivas, discriminatórias. “Há sempre uma concepção de memória social aplicada na escolha do que conservar e do que interrogar” (GONDAR; DODEBEI, 2005, p.17), o que tornou necessário um estudo de cada caso a ser abordado para tornar o videodocumentário o mais fiel à realidade possível.

O videodocumentário pretende mostrar qual a percepção dos personagens, mesmo que impregnada de lembranças dolorosas a respeito da vida e dos traumas superados, além de relatar vivências pessoais, uma vez que a memória é um recurso infinito do qual só somos capazes de registrar pequenos fragmentos.

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 2003, p.9)

Diferente da memória-hábito, que se adquire pela repetição de gestos ou palavras, como por exemplo os movimentos que são necessários para comer, o que os personagens do documentário revelam é denominado por Bosi (2003) como lembrança pura, que, quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona um momento único, singular e irreversível da vida. A imagem-lembrança se refere a uma situação definida e individualizada. “Na maior parte das vezes lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado” (BOSI, 1987, p.55).

4.3 Construção Social, Narrativa de Memória

Na construção da identidade a figura do Outro é imprescindível. É no reconhecimento da diferença que construímos nossa própria identidade, nosso senso de nós mesmos no mundo. Segundo Moscovici apud Lopes (2007, p.143), “Tudo o que fazemos, tudo que somos, como sujeitos e atores no mundo social dependem da nossa relação com os outros: de como os vemos, os conhecemos, nos relacionamos com ele, nos portamos com eles ou os ignoramos”. Com base nessa concepção é que a necessidade de tentar trazer a tona exemplos de superação foi tornando-se, cada vez mais, necessária dentro deste projeto.

É fácil perceber, no caso dos jornalistas, a importância da interação com o Outro, já que a própria função que os profissionais da área da comunicação desempenham na sociedade está consideravelmente conectada com o ato de falar de outra pessoa.

Este trabalho mostra a autonarrativa dos personagens construída a partir de uma seleção de informações entre tantos dados que fizeram parte da totalidade do real vivido.

Por outro lado, os personagens do videodocumentário também devem demonstrar que determinadas situações que acontecem em nossas vidas nos incitam a mudar, reagir, tomar decisões.

Existem momentos de tensão e fragilidade ao longo da construção da narrativa de si mesmo. Em muitas ocasiões, fenômenos (que podem ser internos ou externos) desestabilizam a consciência desse processo consciente de auto-organização e impulsionam tomadas de decisão; ou de manutenção ou de mudança (LOPES, 2007, p. 147)

4.4 A Psicologia e a Resiliência

Resiliência é frequentemente referida por processos que explicam a “superação” de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações (YUNES, SZYMANSKI; 2001, p.31).

Diante da situação mundial que se caracteriza pela alta ocorrência de eventos negativos no decorrer do desenvolvimento pessoal, algumas pessoas passam por situações traumáticas e as superam saindo fortalecidas. No entanto, outras não conseguem recuperar-se da situação ocorrida. Um dos motivos para que cada indivíduo lide de maneira diferente com problemas semelhantes, para a psicologia, está vinculado ao conceito de resiliência, que

pode ser definida como uma capacidade universal que possibilita a pessoa, grupo ou comunidade prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos das adversidades, inclusive saindo dessas situações fortalecida ou até mesmo transformada, porém não ilesa (GROTBERG apud MOTA, BENEVIDES-PEREIRA e GOMES & ARAÚJO, 2006, p.58)

Sendo assim, para uma pessoa “ser resiliente”, depende de sua habilidade em reconhecer a dor pela qual está passando, perceber qual o sentimento que ela tem e tolerá-la durante um tempo até que seja capaz de resolver este conflito de forma construtiva. A comprovação desta teoria mostra-se evidente na história de vida das fontes do videodocumentário oriundo deste trabalho, uma vez que são indivíduos que tiveram reações diferentes diante de situações traumáticas.

Outra definição de resiliência está diretamente ligada ao tema deste projeto: a superação. Machado (2011, p. 4), em seu artigo científico sobre a conceituação e discussão de resiliência, a entende como a capacidade do sujeito de, em determinados momentos e de acordo com as circunstâncias, lidar com a adversidade sem sucumbir à ela, alertando para a necessidade de relativizar, em função do indivíduo e do contexto, o aspecto de "superação" de eventos potencialmente estressores.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

5.1 Período Preparatório

De início foram feitas reuniões para a definição do tema a ser tratado. Entre algumas hipóteses que seguiam uma mesma linha de conteúdo, ficou decidido que histórias de pessoas que superaram um grande trauma pessoal e souberam transpassar os obstáculos decorrentes deste evento era o tema de maior relevância e interesse social.

Com base nessa decisão, referenciais bibliográficos e documentais foram procurados para embasar o trabalho a ser realizado e orientar o processo do início ao final, desde tornar mais compreensível a narrativa dos entrevistados, de pontos relacionados à memória e a psicologia, quanto possibilitar uma maior noção das técnicas para o desenvolvimento do produto audiovisual. Também foram adquiridos materiais para as filmagens.

Após tomar conhecimento dos assuntos importantes para o desenvolvimento do projeto, deu-se início a fase da busca por fontes. Foram encontradas diversas pessoas com as mais diferentes histórias, que, de fato, podem servir de exemplo. Foram escolhidas, então, quatro narrativas, buscando três casos que não fossem semelhantes entre si para gerar um maior enriquecimento e uma maior diversidade. A quarta pessoa representa uma mesma narrativa, buscando um ponto de vista e memórias diferentes sobre um mesmo caso. Angela Fernandes e Lilian Silvestrini contam sobre a perda de seus filhos, que foram assassinados em 2012 ao saírem juntos de um bar. Lázara Lessonier sofreu um acidente doméstico em 1979 e precisou amputar as duas mãos. Sheila de Fátima superou a dependência química.

5.2 Execução

Com todas as decisões tomadas no período preparatório, o próximo passo foi contatar as possíveis fontes. Nesse primeiro contato foi explicado, de maneira geral, o teor e a finalidade de “Viver ou se Entregar – Histórias de Superação” e marcadas as primeiras entrevistas, que serviram para uma conversa inicial.

Para que o discurso dos entrevistados não fosse modificado, a interferência ao longo desta narrativa foi mínima, com poucas perguntas, para que as fontes pudessem abordar os assuntos relacionados às suas histórias de maneira livre, sem necessidade de manter uma ordem cronológica, a fim de conseguir uma maior compreensão pessoal que pudesse orientar, posteriormente, na construção de um roteiro. Outro ponto relevante nessa etapa do trabalho foi a tentativa de criar certa proximidade com as fontes para que elas se sentissem a vontade para participar do vídeo, pois teriam que relatar memórias dolorosas e, de certa forma, expor sua intimidade.

Na sequência foram redigidas, como em um modelo de pauta jornalística, fichas sobre os entrevistados que serviram como roteiro inicial no momento das gravações. Nelas constaram um resumo da história de cada pessoa, perguntas a serem respondidas ao longo da captação dos depoimentos, direta ou indiretamente, e, também, possíveis imagens de apoio. Também foram assinados, pelas fontes, Termos de Uso de Imagem.

Foram captados os depoimentos e as imagens necessárias. Passado esse período, foi realizada a decupagem do material, a fim de facilitar a construção do roteiro do documentário e o processo de edição. Em seguida houve a seleção dos trechos considerados mais relevantes para a compreensão do vídeo e para atingir o resultado pretendido. Nesta

etapa, foram realizados recortes das decupagens, montados, em seguida, como um quebra-cabeça que, para facilitar a visualização, serviu de base para a redação do roteiro.

Depois dessas etapas iniciou-se a fase de edição. A primeira versão, editada com base no roteiro criado, mostrou-se muito longa. Com 39 minutos de vídeo foi necessária a realização de novos cortes. O produto final completo terminou com 24 minutos, com o essencial para a compreensão das narrativas.

A maior dificuldade encontrada foi com relação à bibliografia do projeto. Buscar teorias e conceitos que embasassem um tema tão relativo quanto este não foi uma tarefa fácil. Apesar de existirem inúmeras reportagens, vídeos e livros que relatam histórias de superação, encontrar trabalhos que relacionassem o tema com o próprio jornalismo ou o conceituasse foi a maior dificuldade encontrada. Diante desta problemática fez-se necessária a busca por conceitos teóricos para além da área de estudos de comunicação, nas ciências que auxiliam o estudo do jornalismo como a Sociologia e a Psicologia.

Devido ao formato de produção audiovisual adotado, foi preciso relacionar as fontes entre si, pensando em um gancho de ligação entre uma narrativa e outra ao longo de todo o vídeo, além dos próprios recursos de transição de imagem, de forma que a compreensão de cada relato ocorresse da maneira mais clara possível e que o produto se tornasse dinâmico.

6 CONSIDERAÇÕES

Por meio de um videodocumentário, três histórias diferentes de superação foram retratadas. Assim, suas histórias, memórias e a maneira como lidam com suas dores se transformaram em incentivo e motivação para o próximo. Tendo em vista que o ser humano está em constante desenvolvimento ao longo de sua vida e que seus aprendizados são potencializados quando socialmente compartilhados, é possível afirmar que o crescimento pessoal ocorre nas relações com a troca de experiências entre o indivíduo e a sociedade em que vive.

Para a escolha do tema se fez necessário pensar sobre a importância social e em como esta produção audiovisual pôde reconstituir ou analisar assuntos de nosso cotidiano ao estabelecer afirmações sobre o mundo e se caracterizar pela presença de procedimentos que o singularizam com relação ao campo ficcional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUMONT, Jacques. **A Estética do Filme**. Campinas: Papyrus, 1995
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: Edusp, 1987.
- BOSI, Ecléa. O Tempo Vivo da Memória: **Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê, 2003.
- COELHO, Sandra. “**Perspectivas da análise narrativa no cinema**: por uma abordagem da narrativa no filme documentário”. Revista Digital de Cinema Documentário, v.11, p.25-55, 2011.
- DA-RIN, Silvio. **O Espelho partido**: tradição e transformação no documentário. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 1994.
- GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é Memória Social** (org.). Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.
- GROTHBERG, E. Introdução: novas tendências em resiliência. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. (Org.). **Resiliência**: Descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005, p.15-22.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo, SP: Editora Ática, 2004
- LOPES, Fernanda Lima. Identidade Jornalística e Memória. In: RIBEIRO, Ana; FERREIRA, Lúcia. **Mídia e Memória**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p.137-176.
- MACHADO, Ana Paula. **Resiliência**: Conceituação e discussão, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/virtu/files/2011/09/RESILI%C3%80NCIA-CONCEITUA%C3%87%C3%83O-E-DISCUSS%C3%83O.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2015.
- MOSCOVICI, Serge. "Sobre a subjetividade social". In: SÁ, Celso Pereira de (org.). **Memória, imaginário e representações sociais**. Rio de Janeiro: Editora Museu da república, 2005
- MOTA, Daniela; BENEVIDES-PEREIRA, Ana; GOMES, Mônica; ARAÚJO, Silvana. **Estresse e resiliência em doença de chagas**. Aletheia, 2006, p. 57-68.
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal, o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac, 2008.
- YUNES, M; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e Educação**, São Paulo: Cortez, 2011, p.13-42).